



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

A dramaturgia e o teatro para crianças

Na retomada das atividades artísticas na cidade, logo no início de julho ocorrerá o Festecri - Festival de Teatro para Crianças, que a produtora Letícia Vieira havia programado para maio e transferido por causa das enchentes. O festival acontece no Theatro São Pedro e será constituído de dez espetáculos, no período de 8 a 17 de julho. Será um mix de espetáculos que ora tocam temas clássicos, como *De la Mancha: o cavaleiro trapalhão* (dia 12), ora retomam peças hoje clássicas, como *Lili inventa o mundo*, que Dilmar Messias escreveu e dirigiu, em sua primeira versão, a partir de poemas de Mário Quintana e que, para mim, é um dos espetáculos de teatro infantil mais bonitos que já vi (dia 16).

A propósito desta mostra, aproveito hoje para recuperar algumas informações a respeito do que hoje em dia chamamos de teatro infantil - prefiro teatro para crianças, pois o adjetivo "infantil" muitas vezes é utilizado como um elemento desclassificador do que seja este tipo de espetáculo, a exemplo da chamada "literatura infantil", diga-se de passagem.

Se, como escreve Philippe Ariès na sua *História social da criança e da infância*, pelo menos até o Romantismo a criança era percebida apenas como um adulto incompleto, é natural que não houvesse preocupações específicas com o que consumisse ou preferisse. Assim, é impossível pensar numa literatura ou dramaturgia para crianças. A criança consumia aquilo que estava sendo apresentado ao adulto, ao lado do qual participava dos espetáculos. Pode-se dizer que, em muitos casos, era o adulto quem se "rebaixava" (verbo relativizado em seu sentido, frise-se), se lembrarmos as pantomimas greco-romanas, a comédia dell'arte renascentista, os teatros de bonecos e marionetes etc.

É o Romantismo que vai passar a considerar a criança como um ser diferenciado e lhe prestar maior atenção. Assim, cria-se uma literatura para as crianças, bem como uma dramaturgia e, por consequência, um teatro para crianças.

No Brasil, são escritores consagrados da época, no mesmo projeto do Romantismo e seus desdobramentos, que vão passar a escrever para crianças, tanto livros

de prosa, caso de Figueiredo Pimentel, com *Historias da avozinha*, quanto *Histórias da carochinha*, chegando à dramaturgia para crianças, com um volume batizado como *Teatro infantil*, ainda disponível em sebos, da pioneira editora Quaresma.

Dois dos autores que mais se esmeraram em escrever textos dramáticos para crianças foram Coelho Netto e Olavo Bilac. Coelho Netto havia sido professor de infância, sabia se comunicar bem com as crianças e tratou de trazer temas que ora atualizavam fábulas clássicas, como *A raposa e o corvo*, ora apresentava situações cotidianas envolvendo as crianças e os adultos, como em *O avô* ou *A carta*. Já Olavo Bilac mantinha a elegância da frase, com diálogos curtos e objetivos e textos como *O presunçoso* ou *As bonecas*, tratando dos relacionamentos entre meninos e meninas com certa preocupação pedagógica.

A quebra deste paradigma e a inovação para uma dramaturgia eminentemente lúdica e divertida, sem qualquer preocupação explícita de formação moral, surgiria com Lúcia Benedetti, que estreava em 1948, com *O casaco encantado*, que Paschoal Carlos Magno dirigiu, na interpretação de Henriette Morineaux, para a Cia. Artistas Unidos. Dela são, anda, textos como *A onça e o bode* ou *O balão que caiu no mar*. O Serviço Nacional de Teatro publicou, na década de 1970, quatro volumes com a íntegra de seus textos.

A partir de 1953, teríamos a "revolução" de Maria Clara Machado (filha de Aníbal Machado) que, a partir de seu O Tablado, escola e teatro no Rio de Janeiro, produziria uma dramaturgia de maioridade para as crianças, desde a estreia, com *O boi e o burro a caminho de Belém*, até o inesquecível *Pluft, o fantasminha*, de 1955.

Vamos voltar ao assunto na semana que vem. Creio que seja oportuno trazer à baila este tema: para os adultos se darem conta da importância de levarem os filhos ao teatro; para os dramaturgos se conscientizarem de que não se trata de uma "dramaturgia menor"; para os grupos de teatro atentarem para o fato de que "teatro infantil" não é quebra galho para ganhar dinheiro nem penduricalho de espetáculo adulto, em viagens de temporada.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Sombras

O pessimismo certamente sempre é algo a ser suportado, pois causador de desconforto. Mas o que tem sido visto, com as exceções de praxe, é algo que nos faz pensar em decadência ou então numa crise que certamente será difícil de ser superada. Ainda há excelentes cinemas em Porto Alegre, mas a pobreza da programação mais recente nos fez frequentar salas que há tempos não eram visitadas. O que foi visto é profundamente lamentável, como se dizia antigamente. Pouco adianta se as poltronas são reclináveis, se o ar condicionado funciona, se os cinemas são localizados em centros comerciais modernos. Infelizmente, telas são escuras e mal se pode ver o rosto dos intérpretes. Numa época em que a tecnologia de projeção permite que sejam vistos filmes de forma perfeita, é triste ver telas de cinema dominadas pelas sombras, o que certamente expõe descaso e desrespeito com os espectadores. É até compreensível que muitos espectadores tenham trocado os cinemas pelos recursos que permitem ver filmes em casa, onde, pelo menos, luz e nitidez não faltam nas imagens. Como se não bastasse o acúmulo de bobagens exibidas antes do filme principal - com exceção daqueles personagens que aparecem lembrando que o cinema não é a casa de cada um e que, portanto, deixar o celular ligado é uma forma de expor falta de educação - tudo é prejudicado pelas deficiências na projeção. Estão sendo anunciadas para breve novas e modernas salas de exibição, mas elas só merecerão tal adjetivação se a projeção for perfeita.

Além de tudo isso, a mediocridade do setor é também exposta pela ausência de propostas inovadoras, que permanecem longe das telas daqui. Só raramente aparecem obras de importância, quase sempre exibidas por iniciativas de serviços culturais de países como a França e a Itália, que costumam organizar semanas dedicadas a filmes importantes, nas quais não faltam, por vezes, clássicos reeditados de forma perfeita. Os tempos áureos dos clubes de cinema voltados para a exibição de clássicos, de conhecimento indispensável por conterem inovações

e visões marcadas pela lucidez sobre a sociedade e seus mecanismos, pertencem ao passado. Há certamente grupos de resistentes, mas o interesse por eles parece ter claramente diminuído, substituído por algo que já foi definido como uma volta àquelas revistas interessantes na vida particular de atores e atrizes, uma volta ao que de mais ridículo existia nos anos 40 e 50 do século passado. Tudo isso dá razão aos críticos que advertiam sobre um processo de colonização que parece ter atingido o auge. O tão discutido Glauber Rocha tinha razão ao declarar que não era contra a presença do cinema norte-americano no mercado exibidor brasileiro, pois tal presença exercia importante papel dialético, mas sim a uma devoção que excluía qualquer forma de pensamento crítico. O que diria Paulo Emílio Salles Gomes se contemplasse, hoje, as atividades dos chamados influenciadores digitais falando sobre cinema?

Há excelentes cineastas atuando nos dias de hoje. Alguns concluindo suas carreiras, outros com um futuro pela frente. Filmes de valor continuam sendo feitos. Em algumas cidades do mundo já são feitas projeções a laser e inovações estão transformando o cinema em vencedor na batalha contra o *streaming*. Se o pessimismo impera, principalmente entre os que viveram uma época em que o cinema possuía o monopólio da imagem em movimento, como dizia Fellini, talvez seja possível reverter o processo deletério em curso. Na verdade, os elementos negativos, tão claros atualmente, não se restringem ao cinema. Mais uma vez, agora de forma involuntária, mas de qualquer forma relevante, a tela do cinema expõe uma realidade que coloca diante de todos uma mediocridade avassaladora. Sombras substituem pessoas e caricaturas de figuras reais tomam conta do espaço. E como ainda há lugar para os dissidentes, é melhor afastar o pessimismo, mesmo que tal tarefa seja de difícil execução. Para principiar, permanecendo em nosso setor, é necessário que as salas de projeção não sejam limitadas por cuidados com elementos exteriores e que as telas sejam enriquecidas pela luz e a nitidez.